

### **PAINEL III – A IGUALDADE VS COMPETITIVIDADE NO DIÁLOGO SOCIAL**

*Manuel Carvalho da Silva  
Secretário-Geral da CGTP-IN*

Em nome da CGTP- Intersindical Nacional, saúdo a Comissão Para a Igualdade no Trabalho e no Emprego pelos seus 30 anos e pela oportunidade e actualidade desta Conferência Comemorativa.

Uma saudação especial à Dr. Catarina Marcelino, que tem desde há pouco tempo a tarefa de presidir a esta importante Instituição, desejando-lhe os melhores êxitos e expressando-lhe toda a nossa solidariedade e apoio. Pela presidência da CITE passaram algumas mulheres que são fortes referências na sociedade portuguesa, quando abordamos a luta pela igualdade de género e pela igualdade em termos gerais. Estamos certos de que a actual Presidente as terá como referência.

Saudamos também toda a equipa da CITE e os representantes de todos os parceiros sociais que, como nós, nela se integram. A todos expressamos que os(as) quadros (representantes) da CGTP-IN continuaram a agir empenhadamente e com a profunda convicção de que é possível construir colectivamente um trabalho muito positivo, servindo o mundo do trabalho e o desenvolvimento da sociedade portuguesa, sem esconder diferenças e até confrontos claros de posições entre parceiros.

Há que dar conteúdo e dimensão ao diálogo social, mas este trabalho que desenvolvemos em torno da acção da CITE tem de ter reflexos e expressão concreta na evolução da Contratação Colectiva, que não pode deixar de se constituir como ancoradouro fundamental dos compromissos e dos quadros de direitos e deveres inerentes às relações de trabalho.

Por outro lado, a experiência, as capacidades e instrumentos de acção da CITE, da OIT (cujo Escritório de Lisboa que aqui saúdo tem sido exemplar com vista a trazer para o terreno recomendações e conteúdos de normas que são uma grande mais valia), dos parceiros sociais, de outras entidades e pessoas como por exemplo o programa EQUAL (e a sua gestora a Dr. Ana Vale com o seu muito saber e experiência), das equipas universitárias de investigação que vão trabalhando afincadamente estas áreas temáticas, colocadas no terreno de forma dinâmica são capazes de produzir a transformação das condições de trabalho e das condições sociais que projectam as empresas e os serviços públicos para patamares de efectividade da igualdade e para uma melhoria da sua produtividade e competitividade.

Este é um diálogo social amplo que pode e deve ser mais valorizado. A CGTP-IN agindo em parcerias deste tipo tem conseguido resultados de que se orgulha, como, por exemplo, os obtidos com o projecto Revalorizar o Trabalho para Promover a Igualdade.

As trabalhadoras e os trabalhadores portugueses têm beneficiado muito, ao longo destes 30 anos, da acção da CITE. É um facto que muitas situações de discriminação e desigualdade marcam, no espaço de trabalho, o dia a dia de milhares e milhares de trabalhadoras, mas tem sido construídos significativos avanços e, quantas vezes, as abordagens dos problemas e os

pronunciamentos da CITE se constituíram como instrumento fundamental para essas mudanças positivas que, impulsionadas no espaço do trabalho, se projectam depois para toda a sociedade.

A igualdade de condições e a igualdade de género, tomadas numa perspectiva estratégica, são factores de competitividade e, inquestionavelmente, do desenvolvimento humano, sem o qual não tem sentido falar-se de desenvolvimento da sociedade ou do país.

Nestes tempos que vivemos precisamos contudo de estar muito atentos, porque assistimos a monumentais manipulações dos conceitos de produtividade e de competitividade. As precariedades no trabalho que alimentam e ampliam desigualdades e discriminações tornaram-se, em grande parte, instrumentos de gestão para essas manipulações.

Temos ainda uma forte necessidade de agirmos para que se discuta mais a inovação social. Há uma tendência (tecnocrática, mas também de forte influência ideológica conservadora) para sempre que se fala de inovação, se colocar todo o enfoque na tecnologia secundarizando a social, quando o que determina as mudanças é a acção e a interacção humanas. Não esqueçamos que o trabalho humano tem um lugar central na sociedade e que a inovação social é muito trabalhosa e não se generaliza nem pelos mesmos moldes, nem com a mesma velocidade da inovação tecnológica.

Por tudo o que referi direi que são grandes os desafios com que nos deparamos na luta pela igualdade e, em particular, pela igualdade de género. Temos entretanto de acrescentar três factores de que ainda não falei e que vão marcar enormemente o trabalho e a sociedade: (i) os impactos dos processos migratórios; (ii) o aumento da esperança de vida; (iii) o aumento quantitativo e qualitativo das mulheres no trabalho.

Quanto ao primeiro digo apenas que os seres humanos não vão abdicar de procurar condições de vida que lhes sejam mais favoráveis, e é pelo trabalho mais digno e melhor remunerado que a esmagadora maioria se movimenta.

Em relação ao segundo apetece-me dizer que vai chegar o tempo de se tratar o aumento da esperança de vida como uma conquista e não como uma sobrecarga. E que daí virão impulsos novos para um olhar diferente e mais qualitativo quanto à organização do trabalho, do território, das formas de estruturar e organizar a sociedade.

Quanto ao terceiro, expresso a minha concordância com aqueles homens e mulheres que, analisando a sociedade actual, concluem que as mulheres estão positivamente revolucionando o mundo. As grandes mudanças que é preciso introduzir para conciliar o trabalho com a vida familiar, para apostar a sério na educação e preparação das crianças nos primeiros anos de vida, para introduzir debates estratégicos sobre a família e soluções mais partilhadas no seu funcionamento, para se fazer uma reconsideração profunda acerca das estruturas sociais de apoio á família, para dar mais dignidade às pessoas idosas, não se concretizarão sem uma abordagem adequada dessa emergência positiva do papel das mulheres.

Muito Obrigado.

Lisboa, 3 de Julho de 2009

